

## Defesa do marxismo

---

J. C. Mariátegui

BOITÉM  
EDITORIAL

# *Defesa do Marxismo* de José Carlos Mariátegui<sup>1</sup>

John Kennedy Ferreira<sup>2</sup>

*A inteligência burguesa entretém-se numa crítica racionalista  
do método, da teoria e da técnica dos revolucionários.  
Que incompreensão! A força dos revolucionários (...)  
está na sua fé, na sua paixão, na sua vontade.  
É uma força religiosa, mística, espiritual.  
É a força do Mito. (...)  
Os motivos religiosos deslocaram-se do céu para a terra.  
Não são divinos; são humanos, são sociais.  
[Mariátegui, O Homem e o Mito]*

A editora Boitempo apresentou ao público recentemente a inédita tradução de um livro essencial à biblioteca latinoamericana e marxista. Trata-se de um clássico, *Defesa do Marxismo*, de José Carlos Mariátegui. Escrito entre 1928 e 1929, é um dos três livros que Mariátegui publicou em sua breve e profícuca vida. O texto central desta publicação – “*Defesa do marxismo – polémica revolucionária*” – foi articulado a partir de um conjunto de ensaios filosóficos, em que o autor polemiza com revisionistas e positivistas. Esse escrito principal vem acompanhado de uma seleção de outros artigos políticos do autor – sobre geopolítica, mas também sobre debates culturais, nos quais discute do feminismo à literatura surrealista. Pode-se assim, ter contato com os pensamentos do “Amauta” acerca das

- 
1. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011 (231 págs).
  2. John Kennedy Ferreira é mestre em Ciência Política (PUC-SP), pesquisador do NEILS-PUC e doutorando em História Econômica (USP).

ideias de variados pensadores, como Einstein, Keynes, Nietzsche, Bergson, Freud, Sorel, Lenin, Trostki, Unamuno, Gandhi, Tagore, entre outros.

A edição brasileira foi organizada e prefaciada pelo próprio tradutor, o pesquisador da Universidade de S. Paulo, Yuri Martins Fontes, que fez um cuidadoso trabalho, lendo, pesquisando as fontes citadas e preparando bela introdução – contextualizada e à altura da obra –, além de elaborar um amplo índice onomástico que situa o leitor diante das quase duas centenas de referências. Já nas orelhas do livro, o (nosso) saudoso Carlos Nelson Coutinho nos lembra da proximidade – e inquietude – intelectual de Mariátegui em relação às obras de Lukács, Korsh, Gramsci e Benjamin, inseridos todos na atmosfera crítica da década de 1920. Fecha a publicação uma cronologia da vida e da obra de Mariátegui.

O livro tem como ponto de partida, o debate com Henri de Man e sua obra *Para Além do Marxismo*, a qual visava sentenciar o ocaso do marxismo. Man partia do pressuposto de que o marxismo seria uma teoria ultrapassada, que não se desenvolvera acompanhando o conhecimento científico e a filosofia social no século XX, em especial a psicologia e a contribuição metafilosófica de Freud. O marxismo para ele seria uma teoria datada, presa ao seu tempo e ao racionalismo do século XIX. De igual forma, o marxismo teria centrado sua preocupação em elementos técnicos, em uma economia diretiva e positivista. Julgava que as preocupações e os elementos constitutivos e subjetivos do ser humano eram minimizados, reduzidos a uma sociedade planejada, tecnicista-produtiva. Assim, Man conclui que a economia soviética poderia ter avanços distributivos e organizados, mas seria incapaz de alcançar a alma humana e de entender o caminho para a felicidade coletiva. A seu modo de ver, tratava-se não apenas de reformar o marxismo, como queria Bernstein, mas sim de superá-lo.

O debate era imperioso, pois que ali era questionada a essência da crítica de Marx ao capitalismo, a possibilidade ou não da superação da pré-história humana. Mariátegui ao estabelecer a polêmica trata de temas vários, como economia, tecnologia, direito, sociologia, literatura, religião e psicologia. Sua postura intelectual é respeitosa em relação a Henri de Man, e mantém como centro da discussão a *defesa do marxismo*. Sua argumentação desenvolve-se em duas vertentes: o materialismo histórico como “método de interpretação da sociedade moderna” e o materialismo dialético como sistema filosófico. Através do materialismo histórico, o marxismo se apresenta como ação política pela qual realiza sua crítica e investida contra o capitalismo, estabelecendo-se como movimento. Já através do materialismo dialético, ele estabelece um debate teórico-filosófico com outras correntes de pensamento que possam ou não contribuir à crítica da sociedade capitalista.

Dessa forma, e ao contrário do que Man postulou, Mariátegui entende que o marxismo se apresenta como um “sistema” aberto, tendo claro que, enquanto sistema, estabelece a crítica como sua *radicalidade* e a superação do capitalismo através da revolução socialista como seu método. O marxismo sob a ótica do pensador peruano, apresenta-se à sociedade e às classes despossuídas como doutrina, método de ação, “evangelho e movimento de massas”, como fé e sentimento “mítico” ou “religioso” – em um novo conceito que oferece ao termo – que apresenta a *boa nova*: a superação do capitalismo através da revolução socialista. A ação é garantida pelo método, materialismo histórico, responsável por estabelecer um programa político voltado para mobilizar a ação proletária na sociedade, enquanto a formulação teórica e filosófica – elaboração do materialismo dialético – determina a orientação da práxis revolucionária. Esta face dual – ou dialética – entende o papel do Partido como central, pois é quem articula tanto a direção a seguir, como os debates a tratar.

Cabe aqui ressaltar que na orientação mariateguista, a “doutrina” e o “dogma” se expressam enquanto uma “bússola”, capaz de apresentar uma direção às massas – e não uma amorfa teoria que se repete. O niilismo era para Mariátegui um dos sintomas centrais do momento de crise da civilização europeia. A grande guerra havia criado um ambiente de devastação, ceticismo e tristeza, que denotava duas hipóteses: ou a ruptura socialista, ou a repetição, em um processo de mais desigualdade social e desesperança; e portanto, num clima de confronto entre o pessimismo rigoroso de um capitalismo em crise e a promessa de sua superação.

A doutrina expressa o norte e o sul aos movimentos e aos homens; ela deveria assim, ser apresentada às massas desvalidas como um horizonte, tal como os intelectuais do cristianismo no tardio romano articularam a prática e a teoria, partindo do simples camponês às classes cultas do patriciado, construindo a capacidade hegemônica sobre o Estado.

Nesse momento é fundamental em Mariátegui a ideia de “mito revolucionário” desenvolvida por Sorel, para quem o novo mito é a “greve geral”. Para Sorel, a luta de classes deve ser revestida pelo mito da revolução social. A seu ver, as amplas massas se mobilizam por ideias, por grandes trabalhos que se apresentam como uma “fé” – esperança, utopia. A fé que o movimento comunista deveria introjetar nas massas era a de que a angústia e a alienação reinantes no capitalismo só poderiam ser superadas pelo socialismo. Se o povo e o proletariado não acreditasse com fé nessa alternativa, pouco adiantaria o esforço teórico. Ao seu tempo, essa mesma fé não pode ser um culto espontâneo, um movimento despossuído de conhecimento. Aqui a realização da teoria ganha seu relevo, uma vez

que sem o entendimento da dinâmica do capitalismo e das novas ações engendradas por ele, os movimentos sociais, ao invés de se contraporem, poderiam servir como sua reprodução metabólica.

A visão de Mariátegui sobre Lenin, reserva ao Partido Revolucionário o ponto de encontro entre teoria e prática, entre dogma e filosofia, entre fé e ciência. Constitui-se, portanto, no intelectual coletivo – e também no início e fim da ação política.

Um processo revolucionário são as dores de um parto, a tradução do fim de instituições de um velho sistema, e a transição (construção de novas instituições) rumo a um novo sistema. Esse processo não é linear e nem simples. O pensamento de Man é compreendido em Mariátegui como parte do radicalismo pequeno burguês, humanista, que havia se aproximado da Revolução Socialista Soviética através de uma visão utópica abstrata. Para ele, Man é incapaz de perceber o dinamismo e tensões que se faziam presentes no movimento e processos revolucionários. Henri de Man se aproximou do socialismo pela porta das modas, e pela mesma porta se distanciou – fenômeno que aliás pode-se verificar em relação a outros processos, como o cubano ou o nicaraguense, onde de igual maneira pessoas se aproximaram, conforme a força das emoções espontâneas, e desenharam seus sonhos idílicos, para depois se afastarem, conforme os problemas econômicos, sociais e políticos passavam a construir uma muralha real que exigia respostas duras a duras realidades. Com isso, o sonho purista e pacífico vai se esvaindo no horizonte da decepção.

Contudo, além da perda de encanto que a realidade traz às utopias, há no debate de Mariátegui todo um potencial político a ser pensado nos dias de hoje. Há ali elementos que potencializam o balanço necessário dos caminhos tomados pelo socialismo soviético, que o encaminharam para o seu fracasso, expectativas abertas nas críticas ao neoliberalismo, ao imperialismo e ao sistema capitalista em diálogo com as produções dos movimentos sociais importantes da América Latina (e mesmo da Europa e dos EUA), o esforço progressista de diversos governos como o da Venezuela, Bolívia, etc. Tudo isso traz à baila a necessidade de atentar à conjunção entre teoria e prática, e revela a ausência de organizações partidárias reais, capazes de formularem críticas, bem como de um programa que não seja “decalque ou cópia” de projetos passados, mas sim a “criação heroica” de uma prática teórica viva e pulsante.

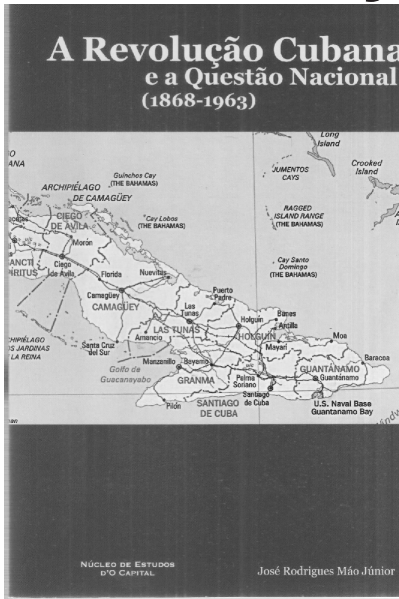
## **Bibliografia**

FORNET-BETANCOURT, Raúl (1995). *O Marxismo na América Latina*. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Editora UNISINOS.

# A Revolução Cubana

e a Questão Nacional

(1868-1963)



José Rodrigues Mão Jr

A Revolução Cubana sempre foi mais do que um objeto de estudo acadêmico. Desde os primeiros textos produzidos pelos intelectuais que buscaram compreender o significado histórico da ação político-militar que libertou a Ilha de Cuba das garras do império norte-americano, a tônica foi sempre o engajamento.

O último livro dessa grandeza sobre Cuba foi o de Florestan Fernandes, publicado em fins dos anos 70 (Da Guerrilha ao Socialismo). Desde então, há no mundo editorial brasileiro especificamente, um vazio de livros que unam paixão à análise da Revolução.

O livro chega a detalhar fatos que escaparam a muitos analistas da Revolução! Um amplo debate sobre a questão nacional no seio do marxismo complementa a obra.

Vendas: [www.ideographos.com.br](http://www.ideographos.com.br)

Núcleo de Estudos d'O Capital

